Capítulo XII — O paganismo e a linguagem

> **Sumário.** Influência do paganismo clássico sobre a linguagem.

Se é incontestável que o paganismo introduzido na educação da juventude modificou profundamente o pensamento e, de certo modo, o ser dos povos modernos, é igualmente incontestável que a forma do pensamento, isto é, a palavra e a arte, deve trazer vestígios não menos profundos dessa influência. Ao que dissemos da poesia e da literatura acrescentemos uma palavra sobre a linguagem ordinária, que recebe mais diretamente a influência da literatura ou da língua douta. Falaremos em seguida da arte.

Todos sabem que o estilo é o homem; que a língua de um povo não é senão a forma exterior do seu pensamento, dos seus gostos, da sua maneira de julgar e de sentir. Se esse povo é cristão, a sua língua será cristã; se esse povo é profundamente cristão, a sua língua será profundamente cristã. Ao contrário, se esse povo é pagão, a sua língua será pagã; se é profundamente pagão, a sua língua será profundamente pagã. Eis aqui um termômetro infalível para apreciar a natureza da ideia que domina num povo, assim como num homem.

Ora, vimos que, há três séculos, o paganismo, isto é, o naturalismo e o sensualismo, chegando incessantemente pela grande estrada da educação à própria raiz da sociedade, penetrou profundamente os povos da Europa. Que a sua linguagem deva trazer-lhe o incontestável cunho, enunciar tal proposição é demonstrá-la: contudo, estabeleçamo-la por fatos. Na Idade Média, a língua das nações da Europa é inteiramente decalcada sobre a língua religiosa: está, por assim dizer, perfumada dela. O espiritualismo e o sobrenaturalismo encontram-se por toda parte; as palavras cristãs, os nomes sagrados saem naturalmente de todos os lábios: a seiva cristã anima a palavra, como vivifica o pensamento. A primeira, ora grave, simples, nobre, viva, abundante, natural, afetuosa e sempre verdadeira, comunica todas essas qualidades ao segundo. Nada mais fácil de constatar. Basta abrir os capitulares dos nossos reis e as cartas dos tempos antigos, consultar os nossos historiadores, como Joinville, Froissart ou Dávila; percorrer os discursos dos chanceleres das nossas universidades, as mercuriais dos nossos presidentes de parlamento e outras peças públicas ou oficiais.

Chega o paganismo clássico: logo a língua muda de caráter. Começa por perder a sua abundância e a sua simplicidade. O próprio Fénelon não pôde deixar de fazer essa observação.

>

> *A nossa língua, diz ele, carece de grande número de palavras e frases: parece-me mesmo que a embaraçaram e empobreceram há cerca de cem anos querendo depurá-la. É verdade que ainda era um pouco informe e demasiado verbosa. Mas a velha linguagem faz-se lamentar quando a reencontramos em Marot, em Amyot, no cardeal d'Ossat, nas obras mais joviais e nas mais sérias: tinha não sei quê de breve, de ingênuo, de ousado, de vivo e de apaixonado.*[1]

Em seguida, a seiva cristã diminui; o sobrenatural torna-se mais raro; as antigas fórmulas que o exprimiam tão bem ou desaparecem inteiramente, ou são notavelmente alteradas. Se ainda restam vestígios, é na língua do povo que se devem procurar: a língua dos letrados carece deles. Para ela, as palavras cristãs parecem antiquadas. Só as pronuncia raramente e como a contragosto.

Assim, o nome adorável de Nosso Senhor Jesus Cristo não se encontra uma só vez escrito por extenso nos discursos do país legal há mais de sessenta anos. Enquanto o homem do mundo se gloria de citar Horácio e Virgílio, jamais lhe acontece citar uma máxima do Antigo ou do Novo Testamento. Os nomes dos filósofos pagãos lhe vêm naturalmente aos lábios, os dos apóstolos ou dos profetas jamais ou quase jamais. Se quer fazer o elogio de uma virtude, não diz uma virtude cristã, mas uma virtude antiga; se quer apresentar o tipo de um grande caráter, não diz um caráter cristão, diz um caráter antigo. Onde quer que possa, substitui por palavras pagãs ou profanas, palavras de significação puramente natural, as palavras cristãs, as palavras de significação sobrenatural. Em lugar de Deus, diz Divindade, Ser supremo, Natureza; em lugar de religião, culto; em lugar de fé, convicções ou opiniões religiosas; em lugar de caridade, filantropia, humanidade; em lugar de esmola, assistência. À beira do túmulo, o *requiescat in pace* católico cede lugar à fórmula pagã: Que a terra te seja leve.

Seria fácil citar uma multidão de outras substituições, testemunho manifesto da alteração do pensamento cristão. Não falo de grande número de palavras ou fórmulas da língua religiosa que jamais saem dos lábios de certos homens, que jamais se encontram em certos escritos, em certas histórias, em certas obras sobre as ciências físicas ou políticas, a não ser acompanhadas de desprezo e blasfêmia. Isso é tão verdadeiro que se pode conversar muito tempo com um homem letrado, sobre qualquer assunto, sem reconhecer pela sua linguagem se é judeu, protestante ou sectário de Buda. O mesmo se dá com a maioria das publicações modernas: o cunho católico está nelas tão apagado que quase sempre se pode perguntar se o autor tem uma religião e se a obra vem de Paris, de Genebra ou de Constantinopla.

Ora, isso é, ao mesmo tempo, um ridículo, uma vergonha e um escândalo; mas é o fruto legítimo do paganismo clássico. É um ridículo, pois há contraste chocante entre palavras pagãs e almas batizadas; é uma vergonha, pois há sintoma do enfraquecimento ou da perda total da fé; é um escândalo, pois as nações, não podendo mais, nem pela nossa linguagem, nem pelos nossos costumes públicos, distinguir o que somos em matéria de religião, não sabem que lugar nos atribuir entre os povos. Esse ridículo, essa vergonha, esse escândalo tornaram-se, no calendário republicano, a linguagem oficial da nação que, nutrida de paganismo, isto é, de sensualismo e de naturalismo, achava perfeitamente lógico conformar-se aos seus modelos tanto na linguagem

como nas instituições e nos costumes. Fez-se pronta justiça, é verdade, a esse ensaio prematuro. Contudo, se quisermos saber a que profundidade o paganismo penetrou o espírito público, com que força se ancorou nas nossas ideias e que imenso caminho nos fez percorrer, basta uma simples aproximação cuja alta significação não poderia ser contestada. Além do interesse moral que apresenta, essa aproximação oferece um interesse de curiosidade tanto mais vivo quanto, que eu saiba, jamais foi feita.

Encontro-a no nome dos navios, a três séculos de distância. Escolho esse ponto de comparação porque os seus elementos são certos; porque os dois fatos comparados são uma manifestação autêntica do pensamento dominante nas duas épocas; enfim, porque o fato contemporâneo é tão aceito que não se poderia empreender mudar nada nele sem produzir um imenso espanto e sem suscitar uma explosão de reclamações e sarcasmos.

Pois bem, em 1571, os navios das grandes potências marítimas da Europa achavam-se reunidos no golfo de Lepanto, onde deviam alcançar a célebre vitória que aniquilou nas ondas o poder invasor do islamismo. Eis o nome das 204 galeras que tomaram parte no combate:

Vanguarda. A Santa Madalena de Veneza; o Sol de Veneza; a Padroeira da Sicília; a Capitânia da Sicília; a Capitânia de Gênova; o São João da Sicília; a Santa Catarina de Veneza; a Nossa Senhora de Veneza.

Corpo de batalha (centro). A Capitânia de Lomellini; a Padroeira de Lomellini; a Capitânia de Bendinelli; a Padroeira de Gênova; a Toscana; o Homem-Marinho; a Nossa Senhora de Veneza; o São Jerônimo; o São João; o São Alexandre; a Capitânia dos Mares; a Cruz; o Montgibel; a Donzela; a Temperança; a Aventura; o Roccaful; a Vitória; a Pirâmide; o Cristo; o São Francisco; a Paz; a Pérola; a Roda; a Pirâmide; a Palma; a Capitânia de Gil de Andrada; a Romã; a Capitânia de Gênova.

Ala esquerda. A Capitânia de Veneza; a Capitânia de Veneza; a Fortuna de Veneza; o Sagitário; os Dois Golfinhos; as Três Mãos; o Leão e a Fênix; o São Nicolau; a Vitória; a Lomelina; a Rainha; a Madona; o Cavalo-Marinho; os Dois Leões; o Leão; a Cruz; a Santa Virgem; o Leão de Cândia; o Cristo; o Anjo; a Pirâmide; a Dama; o Cristo Ressuscitado; o Cristo Ressuscitado de Veneza; o Cristo de Corfu; o Cristo Ressuscitado de Canea; o Cristo de Veneza; a Galera; o Cristo de Cândia; o Cristo Ressuscitado; a Roda; a Santa Eufêmia; a Marquesa; a Fortuna; o Valente; o Cavalo-Marinho; o Cristo; o Braço; a Nossa Senhora; o Cristo Ressuscitado; a Nossa Senhora de Veneza; a Trindade; a Chama; o São João; a Inveja; o Valente; o São Tiago; o São Nicolau; o Cristo Ressuscitado; o Anjo; a Santa Doroteia; a Capitânia de Veneza.

Corpo de batalha (continuação). A Capitânia de Veneza; a Padroeira Real, em que ia Sebastião Veniero, comandante das forças venezianas; a Real; a Capitânia do grande comendador de Castela, em que ia Dom João da Áustria, comandante-chefe; a Capitânia do Papa, em que ia Marco António Colonna, comandante das forças pontifícias; a Capitânia de Saboia; o Grifo; o São Teodoro; a Mendoza; a Montanha; o São João Batista; a Vitória; a Pisana; a Figueira; o Cristo; o São João; a Florença; o São Jorge; a Padroeira de Nápoles; a Lua; o Pardal; o Leão; o São Jerônimo; a Capitânia de Grimaldo; a Padroeira de Davi Imperial; o São Cristóvão; a Judite; o Armelino; a Meia-Lua; a Doria; a Religião de São Pedro; a Religião de São João; a Capitânia de Malta.

Ala direita. A Capitânia da Sicília; a Capitânia de Nicolau Doria; a Força; a Rainha de Cândia; o Anão; o Cristo Ressuscitado; o Homem Armado; a Águia; a Palma; o Anjo; a Dama; a Nau; a Nossa Senhora de Cândia; o Cristo; o São Vítor; a Padroeira de Grimaldi; os Padroeiros dos Mares; a Margarida de Saboia; a Diana de Gênova; a Lua; a Fortuna; a Cegonha; a Esperança; a Fúria; a Padroeira de Lomellini; a Negrona; a Bastarda de Negroni; o Fogo; a Águia; o São Cristóvão; o Cristo; a Esperança; o Rei Átila; o São José; o Guzmán; a Determinada; a Sicília; a Padroeira de Nicolau Doria; a Águia; o São Trifão; a Torre; a Santa Maria; o São João; a Padroeira de Negroni; a Capitânia de Negroni; o Monarca; a Donzela; a Capitânia de André Doria.

Retaguarda. O São João; a Bacana; a Leoa; a Constância; a Marquesa; a Santa Bárbara; o Santo André; a Santa Catarina; o São Bartolomeu; o Santo Anjo; a Terrestre; o Cristo; as Duas Mãos; a Capitânia de Nápoles; a Coluna; a Madalena; a Dama; o Mundo; a Esperança; o São Pedro; o São Jorge; o São Miguel; a Sibila; a Grua; a Capitânia de Vásquez; a Soberana; a Ocasião; a Padroeira do Papa; a Sereia.

Assim, em 1571, embora o paganismo clássico estivesse em todo o seu fervor, só se encontram ainda numa frota de 204 navios dois nomes pagãos, os de Diana e de Sereia, ao passo que ela nos oferece sessenta e oito nomes de santos ou de santas. Eis agora o segundo termo da comparação. O quadro geral da marinha francesa, publicado em 1846, apresenta 371 embarcações de todo porte. Desses 371 navios, nem um só traz nome de santo,[2] ao passo que oitenta e cinco têm nomes pagãos, e do que há de mais pagão. Ouvi:

O Aníbal, a Erígone, a Baucis; o Hércules, a Medeia, a Bela Helena; o Heitor, a Tétis, o Mirmidão; o Algeciras, a Heliópolis, a Egéria; o Júpiter, a Penélope, a Prosérpina; o Netuno, a Pomona, o Bucéfalo; o Nestor, a Psique, o Ciclope; o Cipião, a Alcmena, o Vulcano; o Tridente, a Ariadne, o Asmodeu; o Tritão, a Artemísia, o Platão; a Andrômaca, a Galateia, o Sócrates; a Dido, a Aretusa, o Arquimedes; a Ifigênia, a Cibele, o Catão; a Semíramis, a Danaide, o Plutão; a Urânia, a Náiade, o Titã; a Minerva, a Cornélia, o Aqueronte; a Andrômeda, o Acteão, o Cérbero; a Atalanta, o Adônis, a Quimera; a Calipso, o Alcibíades, o Cocito; a Nereida, o Camilo, o Faetonte; a Sereia, o Grifo, o Sólon; a Vênus, o Meleagro, o Estige; a Alceste, o Orestes, o Tártaro; a Cleópatra, o Pílades, o Tênaro; a Dânae, o Mercúrio, o Anacreonte; a Nêmesis, o Euríalo, a Alecto; a Pandora, a Alcíone, o Érebo; a Zenóbia, o Argos; a Armida, o Encélado.

Essa aproximação prova certamente alguma coisa, visto que a linguagem, e sobretudo a linguagem oficial, é a expressão das ideias dominantes num povo, como o termômetro é o indicador fiel dos graus da temperatura. Mas, se quisermos saber tudo o que prova, cumpre lembrar não só que esses nomes pagãos foram impostos aos nossos navios por letrados, mas ainda que não são desaprovados por ninguém; cumpre lembrar, além disso, que, em todo o resto, a linguagem seguiu o mesmo movimento; de modo que a nomenclatura pagã da marinha não é um fato isolado, mas simplesmente um ponto de vista de um fato universal. Isso posto, para medir com exatidão, se não matemática, ao menos aproximada, o caminho que o paganismo percorreu na Europa em três séculos, bastam, ao que parece, as seguintes regras de proporção:

No século XVI, o paganismo estava para a sociedade como dois está para duzentos e quatro;

Trezentos anos depois, hoje, o paganismo está para a sociedade como oitenta e cinco está para trezentos e sessenta e um.

Seja qual for o valor absoluto desse cálculo, nem por isso deixa de ser verdade que, para nomear as mais magníficas obras do seu gênio, desse gênio que recebeu de Deus e para a glória de Deus; que, para pôr os seus navios sob a proteção do alto; que, para inspirar aos seus marinheiros perdidos em meio ao Oceano, longe da pátria, expostos a formidáveis perigos, pensamentos consoladores e salutares, o reino cristianíssimo não soube pronunciar uma só vez o nome de um santo, não soube erguer uma só vez os olhos para o céu! Em compensação soube percorrer todos os países pagãos, relembrar todos os nomes pagãos, evocar todos os deuses celestes, terrestres e infernais para batizar os seus navios e confiar-lhes os seus navegantes! É Florença, a rainha da pintura, pondo cada sala da sua galeria sob a invocação de uma divindade pagã. Por toda parte a mesma linguagem; logo, por toda parte a mesma ideia.

Notas

[1] *Lettre sur l'éloquence* [Carta sobre a eloquência].

[2] É preciso excetuar o *Santi-Petri*, que não é de origem francesa.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:27 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:27 by Admin